

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



Transformações do conceito de mimesis: uma leitura do hipermetismo em *O cheiro do ralo*, de Lourenço Mutarelli

Arthur Dias de Souza¹
Universidade Federal de São Carlos
arthrp@gmail.com

Resumo: Este trabalho se atém para o que Alfredo Bosi (2002) classifica como hipermetismo, modo de representação literária próprio da cultura de massa. O hipermetismo é, à primeira vista, característico de uma literatura de apelo e sem mediações, em que efeitos especiais, no limite do que a linguagem escrita permite, ditam o ritmo de leitura do indivíduo-massa. A partir da análise literária do romance de Lourenço Mutarelli, *O cheiro do ralo* (2011), procuramos avaliar as características de escrita que o enquadrassem na concepção hipermetimética de escrita, apontando as transformações da concepção de mimesis dos primeiros escritores do Realismo Histórico.

Palavras chave: Mimesis – Hipermetismo – Literatura Brasileira Contemporânea – Lourenço Mutarelli

Abstract: This paper pay attention to Alfredo's Bosi (2002) classification of hypermetism: a literary representation mode typical of mass culture. The hypermetism is at the first view characteristic of an appeal literature and without mediations, in which specials effects dictate the rhythm of lecture of the mass-individual. Having in consideration the literary analysis of the novel *O cheiro do ralo* by Lourenço Mutarelli, we investigate the writing characteristics that could fit this novel in hypermetism classification, showing the transformations in the concept of mimesis from the writers of the Historical Realism.

Keywords: Mimesis – Hypermetism – Contemporary Brazilian Literature – Lourenço Mutarelli

O hipermetismo é um termo cunhado pelo crítico brasileiro Alfredo Bosi (2002), que busca entender como os autores realistas do período contemporâneo desenvolvem uma concepção de escrita “transparente”, no limite, sem mediações, própria do processo de espetacularização da literatura. O mais importante para este trabalho é o fato de que o crítico brasileiro

¹ **Arthur Dias de Souza** é estudante do curso de Licenciatura Plena em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Há um ano e seis meses desenvolve a pesquisa intitulada “O hipermetismo no romance *O cheiro do ralo*, de Lourenço Mutarelli”, com apoio da FAPESP.

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



considera o hipermimetismo como uma implosão e uma explosão do descritivismo estilizado dos autores realistas do século XIX, tendo em vista, por exemplo, a transformação que o cinema teria trazido para a fruição de uma obra literária composta por uma grande quantidade de descrições como a de Balzac.

O narrador-protagonista do romance de Mutarelli é o único dono de uma loja de compra e venda de objetos usados, de modo que em praticamente todas as situações da diegese busca tirar vantagem de seus clientes, preso à lógica materialista do lucro a qualquer custo. A trama principal do romance que intitula a obra se desenvolve a partir de um mau cheiro advindo do ralo do banheiro ao lado da sala em que o protagonista atende seus clientes. Entre a crueldade do dono da loja, representada pelo aumentado gradativo do mau cheiro do ralo, e a solidão em que ele se encontra quando não está trabalhando, acompanhamos uma narração em primeira pessoa a partir da qual o narrador-protagonista está sempre envolto nos fatos que conta. Podemos exemplificar a partir do romance de que modo as curtas descrições estabelecem nesse romance uma relação bem demarcada entre o narrador-protagonista e o ambiente em que ele se encontra:

Me pego olhando uma jarra de um suco que eu mesmo fiz.
Fecho a geladeira.
Ligo a TV.
Imagino uma série de coisas. Misturadas ao que a TV diz.
No 80 são três se pegando, naquela velha coreografia de filme pornô.
No *Discovery* um monstrengo assustado.
A série americana já vem com risadas.
No Cartoon um desenho que vi quando era criança.
No teto uma lâmpada desatarraxada. (...)
O jornal repete o atentado de um mundo que eu mesmo fiz.
(MUTARELLI, 2011, p. 14).

O romance é composto em sua maioria por frases curtas como essas, a partir da focalização interna no narrador protagonista. Tendo em vista a focalização interna, poderíamos pensar a princípio que acompanhamos os

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



pensamentos do narrador, porém vemos que ao dizer “Imagino uma série de coisas. Misturadas ao que a TV diz.”, o personagem não especifica claramente, ou seja, não nos mostra, o que se passa em seu interior. Se a descrição enquanto parte da composição das narrativas realistas do século XIX elaboravam calmamente a relação entre personagem e ambiente, de modo que aquele estivesse engastado em sua realidade física e social, aqui a relação se estabelece de modo mais direto. Principalmente se pensarmos na relação entre a primeira frase e a última: o pormenor característico de um romance realista, “Me pego olhando a jarra de um suco que eu mesmo fiz” se conecta com a última frase da cena, mas agora estabelecendo uma relação entre a realidade social que é filtrada também pela realidade midiática do jornal: “O jornal repete o atentado de um mundo que eu mesmo fiz. ”.

Em seu ensaio “Narrar ou descrever?”, Lukács (1965) busca classificar o método de escrita realista a partir da diferenciação de duas características principais que podem estar presentes nos romances dessa estética: a narração e a descrição. Nesse sentido, o autor realiza uma análise que diferencia a função de cada uma dessas características no interior dos textos. Tomando como comparação uma cena de corrida de cavalos, presente tanto no interior de um romance de Tolstoi quanto no interior de um romance de Zola, Lukács (1965, p. 44) mostra como a cena do romance deste último é mais tributária de um descritivismo: “(...) Em Zola, a corrida é descrita do ponto de vista do espectador; em Tolstoi, é narrada do ponto de vista do participante.”

No caso de nossa análise, nos importa perceber como a descrição novamente perdeu sua preponderância, uma vez que a maior rapidez da fruição teria implodido e explodido o descritivismo, segundo Bosi (2002), tornando a descrição subordinada à narração no hipermimetismo. Para compreendermos como as obras do período contemporâneo ainda podem ser chamadas de realistas, Tânia Pellegrini (2007) estabelece a existência de um método de representação que surgiu com o realismo do século XIX. Esse método de representação somente teria permanecido de modo *trans-histórico*,

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



ou seja, até o período contemporâneo, pelo fato de o conceito de mimesis ser considerado enquanto *imitação em profundidade*.

A noção de imitação em profundidade pode ser compreendida na medida em que o método realista sofreu transformações a partir do período do modernismo e das vanguardas modernistas, que rejeitaram todas as expressões e técnicas do realismo historicamente anterior a elas. Nesse sentido, segundo Pellegrini (2007), esse é “quase o ponto final” do conceito de mimesis, que passa a representar uma concepção totalmente diferente de realidade após uma virada subjetiva e através de procedimentos estéticos como o fluxo de consciência, a colagem e a montagem, que exploram as profundidades da consciência humana. Tânia Pellegrini compreende que há desde o surgimento do método realista no século XIX, diversas refrações realistas que possuem uma tensão em comum, a saber, “a busca de uma liberdade subjetiva em uma situação de não liberdade objetiva” (Adorno apud PELLEGRINI, 2009, p. 30).

Para compreender melhor como os procedimentos estéticos do período moderno como o fluxo de consciência são desenvolvidos de outro modo em *O cheiro do ralo*, podemos realizar uma breve comparação com as considerações de Auerbach (2009) no capítulo “A meia marrom” de seu livro *Mimesis*, em que o autor analisa um texto de Virginia Woolf. Nesse capítulo, o teórico investiga de que modo a narradora de Woolf está presente ou não na construção da narração, deixando clara a importância dessa participação para a representação da realidade no interior do texto:

(...) na medida em que delatam a posição do escritor: este abandonou-se muito mais do que acontecia antes, nas obras realistas, ao acaso da contingência do real, e embora, como é natural, ordene e estilize o material do real, isto não mais acontece de forma racional e nem com vistas a levar planejadamente a um fim um contexto de acontecimentos exteriores.

Em *O cheiro do ralo*, o desencadeamento dos pensamentos do narrador está limitado ao seu campo de percepção sensorial e às suas preocupações

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



mais imediatas. A objetividade que cerca o narrador-protagonista faz com que ele retorne todas as vezes às tramas que organizam a narrativa do romance, de modo que percebemos que o personagem está inserido em um contexto estruturado de acordo com uma estratégia narrativa bem delimitada pelo autor e que não pretende dar a impressão de contingência do real.

A apropriação de uma técnica do período moderno não descaracteriza O *cheiro do ralo* como hipermimética, uma vez que o fluxo de consciência nesse romance é orientado não pela liberdade dos movimentos da consciência dos personagens, mas por uma situação de não liberdade objetiva que se apresenta ao campo sensorial do narrador. Nesse sentido, o mau cheiro do ralo interrompe o fluxo de consciência do narrador em diversos momentos, influenciando os diálogos e as negociações entre o narrador e seus clientes. Da passagem de uma objetividade distanciada e retratada seriamente no realismo histórico, aos desenvolvimentos de um ponto de vista subjetivo, trazido à tona pelo modernismo e pelos desenvolvimentos experimentais e estéticos da linguagem realizados pelas vanguardas modernistas, poderíamos pensar que a objetividade do mundo exterior não mais se faria presente de modo patente na representação literária. Entretanto, segundo Schollhammer (2009, p. 56) com o desenvolvimento da técnica e dos meios de comunicação iniciado no período moderno e consolidado no período contemporâneo, os escritores atuais se deparam com um pano de fundo midiático no qual a demanda pelo real não está mais baseada em uma objetividade distanciada, mas em uma objetividade que tem como eixo de representação da vida real o corpo presente.

Notícias em tempo real, reportagens diretas, câmera oculta a serviço do furo jornalístico ou do mero entretenimento, televisão interativa, *reality shows*, entrevistas, programas de auditório e todas as formas imagináveis de situação em que o corpo-presente funcione como eixo.

As mediações que se aproximam do imediatismo permitem ao narrador realizar um processo de associação mental baseado na capacidade de unir o

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



nível extradiegético da narrativa com seu nível intradiegético, tendo em vista que “todo o evento narrado por uma narrativa encontra-se num nível diegético imediatamente superior àquele em que se situa o ato narrativo produtor dessa narrativa.” (GENETTE, 1992, p. 238). N’ *O cheiro do ralo*, o narrador está a todo momento envolvido nos eventos que narra, ao mesmo tempo em que estes eventos são narrados no presente e mesmo os diálogos são mediados pela voz do narrador. As associações mentais do narrador, juntamente com o desenrolar simultâneo das ações e dos diálogos tornam tanto a manipulação da linguagem por parte do narrador algo veloz como criam uma rede de relações entre a focalização interna do narrador e o espaço e a superfície que o circundam. É possível perceber como o fluxo de consciência do narrador-protagonista de *O cheiro do ralo* expõe a tensão entre focalização interior e ponto de vista exterior, explicitando como o narrador é capaz de assumir o modo de pensar dos autores que está lendo, ou ainda, o modo de representação de uma propaganda. Vejamos um trecho em que o narrador apresenta uma mescla entre o fluxo de seus pensamentos e uma propaganda que está sendo transmitida na televisão.

Me imagino a correr por um labirinto. Suas paredes são cobertas de heras. Corro em câmera lenta. Do outro lado, é ela quem vem. Em câmera lenta, assim como eu. Nos abraçamos e giramos, giramos, giramos. Tudo em câmera lenta. Aí, meu pensamento enquadra meus dentes. E num zoom se aproxima. E meus dentes são brancos, no pensamento. E deles sai um brilhaço. E o brilho faz PLIM. Entra uma voz muito grave. A voz diz: KOLYNOS. Hálito puro e refrescante. Volto após o reclame. Estou no banheiro. (MUTARELLI, 2011, pp. 110, 111).

Nossa argumentação se encaminha de modo a defender que Lourenço Mutarelli desenvolve mediações literárias que são mobilizadas para uma leitura mais imediata, mas que são capazes, ao mesmo tempo, de fornecer uma experiência estética nova, que incorpora o processo de alienação do indivíduo na cultura de massa e sua não liberdade na sociedade de consumo brasileira. Nesse sentido, em *O cheiro do ralo*, pensamos que a apropriação dos recursos

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



do choque e do escândalo seja uma das formas mais adequadas de engajamento ético, na mesma medida em que Adorno (1985, p.270) classifica o romance como um dos meios mais qualificados para chamar a coisificação das relações humanas, a alienação e auto-alienação pelo nome.

Bibliografia

Auerbach, E. *Mímesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

Bosi, B. *Literatura na era dos extremos*. In: *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Genette, G. *Discurso da narrativa*. Lisboa: VEGA, 1992.

Jaguaribe, B. *O choque do real: estética, mídia e cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

Lukács, G. *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

----- *O cheiro do ralo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Pellegrini, T. *A imagem e a letra: aspectos da ficção brasileira contemporânea*. Campinas: Mercado das Letras, 1999.

----- *Realismo: a persistência de um mundo hostil*. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. São Paulo, n. 14, 2009.

----- *Realismo: postura e método*. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 137–155, dezembro 2007.

----- *Realismo: modos de usar*. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília: Horizonte, 2012, n. 39.

Reis, C.; Lopes, A. C. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

Schollhammer, K. E. *Ficção Brasileira Contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

----- *Realismo afetivo: evocar realismo para além da representação*. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília: Horizonte, 2012, n. 39.

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



Wood, J. *Como funciona a ficção*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.